



OS SENHORES DE ROMA

MARCO ANTÔNIO
& CLEÓPATRA

ALLAN MASSIE

OS SENHORES DE ROMA

MARCO ANTÔNIO
&
CLEÓPATRA

ALLAN MASSIE

TRADUÇÃO
MÁRIA IGNEZ DUQUE ESTRADA



**COPYRIGHT © ALLAN MASSIE, 1993
ALL RIGHTS RESERVED.**

**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2021
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.**

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial: **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial: **CARLA SACRATO**

Preparação: **THAIS ENTRIEL**

Revisão: **BÁRBARA PARENTE**

Capa: **RENATO KLISMAN | SAAVEDRA EDIÇÕES**

Projeto gráfico e diagramação: **CRISTIANE | SAAVEDRA EDIÇÕES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Massie, Allan 1938-

Marco Antônio e Cleópatra / Allan Massie; tradução de Maria Ignez Duque Estrada. — São Paulo: Faro Editorial, 2021.

224 p. (Os senhores de Roma)

ISBN: 978-65-5957-005-8

Título original: Antony

1. Ficção inglesa 2. Antônio, Marco, 83 A.C. - 30 A.C. - Ficção 3. Cleópatra, Rainha do Egito, 30 A.C. - Ficção I. Título II. Estrada, Maria Ignez Duque. III. Série

21-1855

CDD 823.914

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção inglesa



2ª edição brasileira: 2021

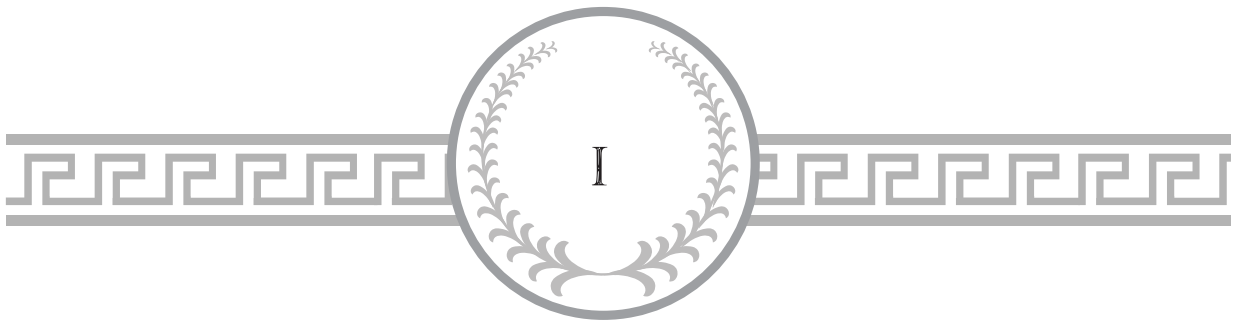
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06473-000

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR



A TROVOADA DA NOITE TINHA SE AFASTADO, MAS O VENTO DAS MONTANHAS continuava a fazer-se sentir em rajadas curtas. Trebônio arrastou-me para fora do teatro e levou-me até o pórtico para me contar uma história, uma coisa terrível, insistia ele tão extensamente na sua desconexa narrativa que, aborrecido, deixei de lhe prestar atenção e procurei algo de mais divertido, pondo-me a mirar uma bonita prostituta que havia iniciado o seu comércio a uma hora tão matutina. E senti uma leve pena que o tumulto que se seguiu me tivesse impedido de desfrutá-la. Devia ser Síria, julgo eu, e lançava-me um olhar negro, líquido e atrevido. Mas não precisas escrever isso, Crítias.

Mas eu escrevi, como veem. Aprendi a ignorar este gênero de solicitações da sua parte, enquanto ele me vai ditando as suas memórias, que formam já três volumes substanciais, o último referente a esses tempos em que a sorte lhe foi mais favorável. Deixei de obedecer a tais pedidos num dia em que me senti muito fatigado e a pena parecia correr nos meus dedos sem obedecer a minha vontade. Poderá parecer estranho, mas eu não fazia nada por isso: acontecia simplesmente. Mais tarde, ao transcrever as minhas notas, porque eu uso uma espécie de estenografia inventada por mim, achei que não devia pôr de parte muita coisa que me parecia interessante e talvez mais reveladora do que o que ele queria que ficasse escrito. E a partir desse dia ficou dependente do meu alvedrio aquilo que ficaria ou não no papel. E criei o hábito, como poderão ver, de acrescentar os meus próprios comentários. Fato que pode criar certa confusão, porque nem sempre estou certo, mais

tarde, daquilo que é da minha lavra ou pertence ao que ele me ditou. Mas a nossa situação atual chegou a um tal ponto que... Parece que ele voltou a ficar em condições de recomeçar... Mas não... Continua a andar de um lado para o outro, dentro do quarto, como um leão numa jaula. E continua a parecer um leão, o seu porte mantém uma presença nobre.

— Trebônio tinha vindo me visitar instigado pelos autoproclamados libertadores, tenho certeza. Pelo menos, foi o que eu pensei quando os gritos subiam de tom e ele se agarrou a mim, dizendo-me que eu não corria perigo. Eu não acreditei nisso, libertei-me dele e corri a esconder-me no meio da multidão. Mas não vou descrever agora toda essa balbúrdia; podes fazê-lo tu, mais tarde. Já me ouviste falar disso tantas vezes e leste tantos relatos que podes escrever algo de dramático sobre o assunto.

Mas isso é coisa que não me preocupa. Esta é pelo menos a terceira vez que ele tenta descrever os horríveis Idos de Março, e de todas as vezes se sentiu incapaz de falar deles.

— Mas, para ser honesto, não sou eu quem pode fazer uma descrição fiel dos fatos. Eu não vi nada e falar desse assunto é como descrever uma batalha quando se tem apenas na memória a imagem dos corpos destroçados. A ação violenta é como um sonho e mais nítida que uma experiência que se tem acordado. Podemos tentar apanhar alguns fragmentos e procurar descrevê-los, mas o sonho, no seu todo, escapa-se-nos. É verdade. E, de passagem, deixai que vos diga que sempre pensei que aquele que afirma lembrar-se dos seus sonhos com todo o pormenor, e *ele* é um desses, só pode ser um mentiroso. É certo que todos nós mentimos, de diferentes maneiras e por diferentes razões. Octaviano mente porque é, por natureza, uma pessoa tão retorcida que é capaz de cagar em espiral. Podia muito bem ser um cretense como tu, Crítias.

— Se o meu senhor o diz...

— O que eles queriam era matar a mim também; e nesse preciso momento. Nunca entendi a razão por que não o fizeram. O Rato Bruto, ou seja, Décimo, e não Marco Júnio, meritíssimo descendente do nobre Bruto, contou-me, mais tarde, que Cássio tinha mesmo pretendido que eu devia ser abatido juntamente com César, mas que o primo Marquinhos, como Rato costumava designar depreciativamente o “libertador”, afirmara com toda a pompa que se matavam os tiranos, não se matavam os seus lacaios.

“Muitíssimo obrigado’, disse eu. ‘Mas eu sou algum laçao?’

“Foi o que disse, Marquinhos’, replicou Rato, com um riso sardônico.

“E tu, Rato? De que lado estavas tu nesse debate?’

“Bem’, começou por dizer Rato, ‘sabes perfeitamente que sempre te apreciei, e ainda tentei ficar do teu lado, mas estava tão bêbado que eu nem me lembro daquilo que disse. Mas tenho de admitir que estava de acordo com Cássio. E totalmente, meu caro, apesar do respeito que me merecem as tuas qualidades’.

“E tinha razão: Rato não era parvo, se bem que não fosse tão inteligente como supunha. Os libertadores deviam ter tido o cuidado de me abater juntamente com César. E eu não lhes dei tempo para se lamentarem que tinham errado. Mas nunca houve coisa tão desconchavada como essa conspiração feita por esses senhores. Não tomaram medidas em relação a quem tinha o poder sobre a cidade e o controle da respectiva segurança. Imaginavam, talvez, que bastava acabar com *ele*, com César, para que a República voltasse de forma natural ao seu anterior equilíbrio. Posso perceber que Marco Bruto pensasse uma coisa dessas. Mas Cássio não. Porque ele era tudo menos estúpido. *Ele*... Acho que tenho de dizer qualquer coisa sobre César nesta passagem.”

— Haveis já dito bastante sobre ele nos volumes anteriores, meu amo. E tende em conta que tudo o que aconteceu na altura foi bastante contraditório. Achais que podeis encarar, hoje, esses tempos de uma forma objetiva?

Mas ele sacudiu-me a cabeça com um gesto terno e respondeu:

— Não sejas impertinente, garoto.

Garoto! Eu estava a rondar os trinta anos e vivia em sua casa desde os quinze, mas ele continuava a chamar-me de garoto quando estava bem disposto, ou então, ocasionalmente, quando parecia perplexo ou distraído. A verdade é que ele era um sentimental, como a maioria dos romanos, embora isso seja a última coisa que eles podem admitir. De um ponto de vista intelectual, eu desprezava esse gênero de emoções à flor da pele, mas devo reconhecer também que essa é uma das razões por que eu, apesar de tudo — e o melhor é que ele nem se aperceba disso —, sinto amor por ele. E de uma forma especial.

— César — disse ele, atirando-se para cima de uma almofada, bebendo dum trago uma taça de vinho e mantendo-a nas mãos, apesar de vazia. — Nunca houve ninguém que ele tivesse contactado, que conseguisse

escapar-lhe. César era o perfeito jogador, marido de todas as mulheres, esposa de todos os homens. Era o que diziam dele no Senado. Não sei dizer por que, tu descobrirás mais tarde, Crítias. E era verdade; mas não no sentido que em geral as pessoas imaginavam. César adorava exercer o seu encanto para controlar as pessoas, mas não dava a mínima importância ao sentimento que inspirava nelas. E como podemos nós designar tal sentimento? Amor não será a palavra mais exata. No fundo, acho que ninguém amava realmente César. Talvez algumas mulheres, Servília, a mãe de Marquinhos, quem sabe? Mas Cleópatra, não. Essa sabia o que queria dele e fazia o seu jogo. Os homens que o conheciam não o amavam, ele não inspirava amor. Os seus soldados, talvez. Porque ele fazia de tudo para conquistar o amor dos homens do seu exército. E que os soldados sentissem devoção por ele, não tenho dúvidas. Mas amor? Acho que não. Havia algo de frio em César que impedia o amor. Seria realmente um deus? No fundo, Crítias, ninguém é capaz de amar um deus, não achas? Temor, adoração, sim, mas amor, de maneira nenhuma.

“Eu pertencia ao seu partido. Servi-o fielmente. Na guerra atuei como seu general e ganhei honras e glória ao lutar a seu lado. Mas não fiquei abalado com o seu assassinio nem senti a sua morte como uma perda pessoal. E posso até entender que outros em quem César confiava e que ele encarava como leais seguidores tivessem chegado a ponto de o matar. Mas, se não fiquei abalado, não significa que não tivesse ficado alarmado. Senti que o perigo me rondava. Tendo sido excluído da conspiração, isso só podia querer dizer que eu corria o risco de ser banido da vida pública. Roma inteira estava em polvorosa.

“Sentia-me à beira de um precipício que parecia disposto a engolir-me. E ainda o corpo de César jazia banhado no próprio sangue, já eu tentava descobrir para mim novas oportunidades. Enquanto César foi vivo, senti-me condenado a ser seu subordinado. Agora que o mundo parecia desabar, chegava a minha vez de decidir por mim próprio.

“Abandonando o local do crime, sem saber o que iria acontecer a seguir, a primeira coisa que fiz foi dirigir-me a minha casa e dar ordens para que se organizasse a respectiva defesa. E em seguida mandei pessoal meu certificar-se do que estava se passando na cidade. Tu foste um deles, não é verdade, Crítias?”

— Claro que sim, meu senhor — respondi.

Depois do assassinato, e consciente do perigo que meu amo corria, não pude evitar o impulso natural de regozijo por aquela morte porque eu, como um verdadeiro grego, sempre encarei com grande simpatia os tiranicidas, e com maior compreensão, devo dizer, que o meu amo. Para nós, gregos, aquele que mata o tirano fá-lo de acordo com a nossa maneira de pensar: pratica um ato honroso, aprovado por toda a nossa filosofia e merecendo por isso verdadeira admiração. Seguindo a massa anônima que se dirigia ao Capitólio, fui a tempo de ouvir Marco Bruto justificar o ato praticado e de proclamar que a República havia sido restaurada. O seu discurso era um tanto claudicante. E teria sido diferente, disseram mais tarde, se tivesse sido Cícero a falar em vez dele. Mas os conspiradores não o haviam escolhido porque não queriam que ele ficasse a conhecer por dentro os seus planos. E perdeu-se essa oportunidade.

No que diz respeito à plebe, o que se verificou foi uma reprovação nada simpática do ato cometido. Na verdade, o povo romano é constituído por uma escumalha degenerada. Vive apenas para o prazer e adquiriu a mentalidade de quem apenas pretende um senhor para poder adular. Incapaz de pensar ou refletir, a sua natureza parece justificar a ditadura perpétua que César tinha estabelecido. Por isso me sentia seguro em poder declarar a meu amo que não devia recear nada que viesse da população.

Calpúrnia é a mulher de César. Uma megera de primeira, neurótica, exigente e com uma língua viperina.

— Eu avisei a ele — disse-me ela aos berros. — Se ele me tivesse dado ouvidos, nunca teria posto os pés no Senado. Eu tinha tido uns sonhos horríveis. Mas ele não os levou a sério. Ele é que sabia tudo. Para ele eu era apenas uma mulher, a mulher com quem estava casado. Não me quis ouvir. E agora está morto. Só espero que tenha aprendido a lição.

Mas eu me senti satisfeito por ver que Calpúrnia não precisava ser confortada. Não tinha de me preocupar com esse aspecto. A sua indignação era tal que se sobrepunha a qualquer dor que estivesse a sofrer. E não perdi tempo com ela. Mas garanti-lhe que não precisava se atormentar com a sua segurança pessoal, que eu próprio me encarregaria disso e, rapidamente, apossei-me dos papéis pessoais de César e dos relativos aos negócios públicos. Disse a Calpúrnia que estava agindo como amigo de César e também como cônsul. Em boa verdade, eu não tinha qualquer autoridade para

agir como agi, mas tinha certeza de que Calpúrnia também não tinha a mínima noção disso. Tampouco se interessou em verificar aquilo que eu estava a fazer. Limitou-se a solicitar-me dois pedidos: em primeiro lugar, gostaria que fossem punidos os assassinos de César, e, em segundo lugar, que a “a puta egípcia” — era dessa forma bastante desrespeitosa que ela se referia à rainha do Egito — fosse imediatamente expulsa de Roma. Não argumentei nem lhe disse que eu não estava em situação de corresponder às suas exigências, nem sequer sabia se seria do meu interesse tentar fazer ambas as coisas. Calpúrnia não era mulher com quem se pudesse conversar seriamente. E, quando eu me dispunha a sair de sua casa, perguntou-me:

— Sabes quantas punhaladas tinha ele no corpo?

— Não sei dizer-te, Calpúrnia.

— Vinte e três, foi o que me disseram. E tudo aconteceu, porque ele não ligou ao que eu lhe disse.

ENVIEI EM SEGUIDA MENSAGENS A ALGUNS AMIGOS DE CÉSAR E AOS SEUS simpatizantes a solicitar-lhes que viessem visitar-me. Três deles esperavam já por mim quando regresssei a casa. O primeiro foi Balbo, banqueiro, e um dos poucos homens em quem César confiava verdadeiramente. César costumava dizer que estava em dívida com Balbo havia tanto tempo que seria absurdo tentar esconder-lhe o mínimo segredo. Balbo estava agora ali, em minha casa, sentado, e olhava para mim com a expressão reservada de quem já estava a par do pior.

O segundo foi Áulio Hércio, já designado, juntamente com Víbio Pansa Cetroniano, cônsul para os anos seguintes. Eram ambos *novi homines* e pertenciam a essa classe que os aristocratas assassinos de César mais desprezavam e odiavam. Gente que, embora se mantivesse leal à memória de César, eu tinha certeza de que ficaria do meu lado na primeira altura. Eu tinha já decidido forçar o Senado a manter as nomeações propostas por César para os cargos de Estado, mas sabia que Hércio se mantinha na incerteza quanto ao seu prometido consulado, que para ele representava o ápice das suas ambições e arrastaria evidentemente a ascensão da sua família à nobreza.

A terceira criatura que esperava por mim era pessoalmente a menos respeitável, mas, em virtude da sua posição, aquela que eu mais necessidade

tinha que se mantivesse do meu lado. (Eu tinha tido tempo para pensar nesse assunto e nessa perspectiva.) Tratava-se de Marco Emílio Lépido. Bem-nascido, de boa aparência, nada estúpido, possuía a má sorte de ser um desajeitado. E ainda por cima tinha a consciência disso: o de ter um bom nascimento e de ser incapaz de manter os níveis de qualidade de que tinham dado mostras os seus antepassados. E como não era tolo, sofria de uma enorme falta de confiança nos seus próprios juízos, que normalmente eram afetados pela sua incapacidade, e de nada lhe interessar a não ser o que lhe dizia diretamente respeito. Mas até nesse aspecto Lépido era de uma importância inestimável, porque sendo ele o homem responsável pelo cavalo de César, isso significava que tinha o comando do único corpo de tropas instalado próximo da cidade. E disse-lhe:

— Tenho que me congratular com a tua lealdade, Lépido. Tenho certeza de que os conspiradores fizeram de tudo para terem do seu lado um homem como tu, levando em conta a tua própria pessoa e o lugar que ocupas.

— Não digas uma coisa dessas — respondeu ele. — Ou tu pensas que César teria sido abatido com cinquenta punhaladas se eu tivesse tido a mais leve suspeita ou informação de que andavam a planejar um crime tão monstruoso?

Quando ele disse isso, reparei que Balbo tinha franzido o sobrolho. Mas eu consegui dominar-me para não lhe dizer que ele devia ter sido o único homem em Roma incluindo o próprio César que desconhecia o boato e a não suspeitar de nada. E, em vez disso, fiz-lhe notar que a sua ignorância quanto à conspiração só vinha realçar a integridade do seu caráter e que os conspiradores, conhecendo-o, não se aventuraram sequer a abordá-lo.

— Não vou tão longe — disse ele. — Mas deixa que te conte o seguinte. Quando tive conhecimento de tão nefando crime, a minha primeira reação foi a de pegar as minhas tropas e dirigir-me ao Senado para dar cabo desses biltres. E ainda hoje penso que devia ter cedido ao meu impulso, porque o meu maior desejo é vingar César.

— E esse desejo só demonstra a nobreza do teu coração — respondi. “Mas não a tua sensatez”, pensei eu, sem lhe dizer, evidentemente.

— Nesse momento eu estava a lisonjear Lépido, mas deixa-me dizer também que muitas vezes me diverti à sua custa. É certo que ele me inspirava respeito. Ele era o perfeito representante da velha nobreza fora de moda,

confiante e inocente, como poucos de nós conseguimos sê-lo nos dias de hoje e para quem toda e qualquer ação praticada devia ser sempre pelo bem da República. Se ele fosse de outra natureza, teria feito o que disse, marchado com as suas tropas até o Capitólio e enfrentado os assassinos de César. O que o levaria a ficar numa posição de poder igual à de César ou de Sula.

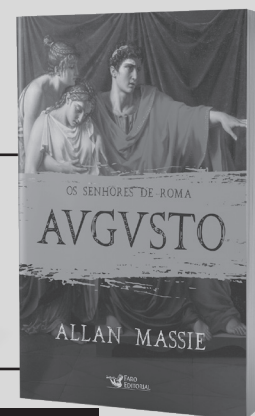
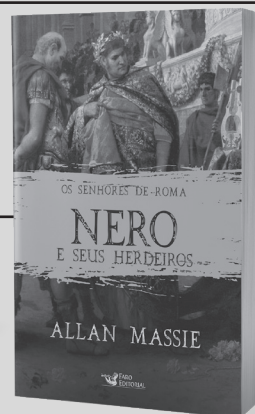
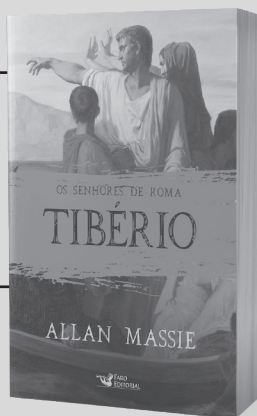
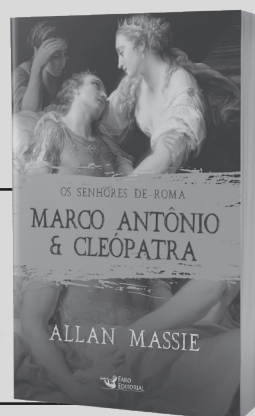
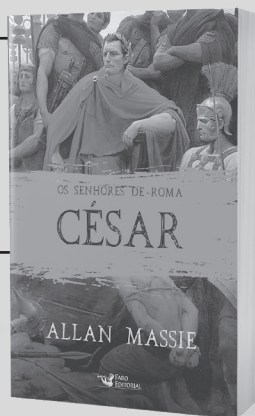
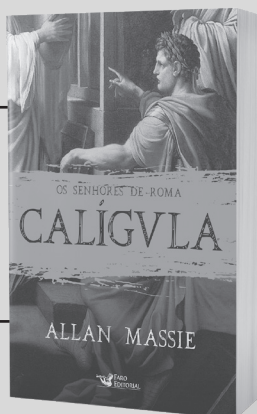
“Não o fez. E eu, em menos de uma hora, consegui ficar senhor do dinheiro, das tropas e, o que é mais importante, da maior respeitabilidade. Como cônsul podia utilizar o poder que me era concedido; os apoios de Hírcio e Lépido trouxeram-me uma autoridade adicional. Em vez de escolher a via que me levaria a agir contra os assassinos de César ou a encontrar uma forma de reconciliação, optei pelo caminho mais seguro, que me advinha do fato de me sentir numa posição de força. E pensei para mim próprio que eles é que perderam ao me pouparem a vida. Pelo menos deviam ter-me prendido; e eu, reconhecendo a falta de visão dos amotinados, senti-me numa situação de maior superioridade. Sozinho, iria limitar-me a desafiá-los; certo e seguro da estratégia que tinha desencadeado, poderia tratar com eles de igual para igual; e mais, podia provar-lhes que era eu quem dominava a situação.”

E O MEU SENHOR CALOU-SE E PEDIU A UM ESCRAVO QUE LHE TROUXESSE mais vinho. O que me dava praticamente a certeza de que por hoje ele tinha chegado ao fim do seu ditado coerente. Ele não queria admitir tal coisa, mas o uso imoderado que fazia da bebida impedia-o de continuar lúcido. É curioso o que ele diz de Lépido. A verdade é que ele e Octaviano se serviram desse nobre um tanto simplório e que o puseram de lado quando deixou de ter importância para os seus objetivos. O meu amo sempre se sentiu culpado pela forma como tratou Lépido. Mas não imagino que Octaviano tenha sentido o mínimo escrúpulo pelo seu comportamento.

ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR

COLEÇÃO “OS SENHORES DE ROMA”



ESTE LIVRO FOI IMPRESSO
EM JUNHO DE 2021